

A problemática da reforma do ensino da filosofia em Angola

The problem of the reform of the teaching of philosophy in Angola

Feliciano Moreira Bastos

Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, Luanda/Angola

Resumo

Este trabalho é resultado lógico das discussões havidos em 1991 no contexto da formação da denominada nova mentalidade política em Angola. As discussões afloradas continuaram no interior da academia com base nas reflexões intituladas “Processo de reforma do ensino da Filosofia em Angola: alguns aspectos epistemológicos e metódicos”, e como resposta, aparece o artigo do Professor Muanamoni Matumona “O ensino da Filosofia em Angola.” Tratava-se da necessidade imperiosa da elaboração de reformas no ensino da filosofia devido ao espírito de mudanças sociais existentes no país. Isto significava, a reestruturação e construção de um novo modelo e paradigma de educação e ensino, em que a Filosofia se integrava. A nossa análise concentra-se inteção do processo de reforma da filosofia em três momentos cruciais: O ensino da filosofia na época colonial, pós-colonial e o momento actual. Com esta singela contribuição teórica, tomamos como referência principal a pretensão de fazer interagir, de forma implícita, duas questões que a titulam: a epistemologia e a metodologia, não perdendo de vista o tratamento acentuado dos fundamentos didácticos, e até teóricos do ensino e estudo da filosofia em Angola.

Palavras-chave: epistemologia, metodologia, ciência, paradigma e investigação.

Abstract

This work is a logical result of the discussions that took place in 1991 in the context of the formation of the new political mentality in Angola. The discussions discussed above continued in the academy based on the reflections entitled “Process of reforming the teaching of Philosophy in Angola: some epistemological and methodical aspects”, and as a response, the article by Professor Muanamoni Matumona “The teaching of Philosophy in Angola” appeared. It was an imperative need to develop reforms in the teaching of philosophy due to the spirit of social changes existing in the country. This meant the restructuring and construction of a new model and paradigm of education and teaching, in which Philosophy was integrated. Our analysis focuses on understanding the reform process at three crucial moments: The teaching of philosophy in the post-colonial era and the current moment. With this simple theoretical contribution, we take as our main reference the intention of interacting, implicitly, two issues that title it: epistemology and methodology, without losing sight of the accentuated treatment of the theoretical foundations of the teaching and study of philosophy in Angola.

Keyword: epistemology, methodology, science, paradigm and investigation..

Informações do artigo

Submetido em 24/01/2024

Aprovado em 05/04/2024

Publicado em 15/05/2024.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n2.p90-114>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

BASTOS, Feliciano Moreira. A problemática da reforma do ensino da filosofia em Angola. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 24, n. 2, p. 90-114, maio/ago. 2024

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho teórico, pretendemos continuar a contribuir para as discussões académicas no âmbito da problemática metodológica e epistemológica da educação e ensino, em que se destaca o processo de reformas do ensino da Filosofia em Angola.

As transformações ou mutações sociais verificadas em Angola na década 90 do século XX, criaram as condições necessárias para a prossecução das ciências sociais e humanas, em que se destaca a construção de um novo paradigma de educação e ensino. Esse paradigma possibilitou que se efectuassem reformas no ensino da Filosofia, entendida como um processo permanente, sistemático e rigoroso.

As discussões sobre a pertinência do ensinável em Filosofia, leva-nos a concentrar o nosso olhar à substância teórica ventilada por Isabel Marnoto (1990: 224) segundo o qual tornou-se muito paradoxal enquanto problema colocada ao jovem profissional de filosofia, pois este insere-se numa situação escolar em que a filosofia é saber instituído e daí legitimado curricularmente.

Abstraindo-nos das discussões académicas sobre o ensinável e a aplicação dos modelos de ensino-aprendizagem em filosofia, consideramos imprescindível destacar a relevância da Declaração de Paris para a Filosofia, ao afirmar que “o ensino da filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre indivíduos e entre grupos, bem como a educação filosófica preparar cada um a assumir as suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas”¹. Acrescenta ainda que a Filosofia é um instrumento poderoso nas mãos do homem contemporâneo para a contenção de conflitos devido o seu carácter radical, reflexivo, crítico e preventivo, e pode fornecer uma metodologia para a compreensão do mundo, dos problemas nacionais, buscando os caminhos para o desenvolvimento da tolerância, do diálogo e da cultura da paz [...]².

No trabalho apresentado queríamos cingirmos também à análise das mudanças de paradigmas e da trajectória actual do curso de filosofia, sobretudo

¹ (f) Declaração de Paris para a filosofia, in <http://milenio.com.br/>

² La Strategie de Philosophie 1' UNESCO s.d Este material foi-nos cedido pela Comissão Nacional da UNESCO para a Educação Luanda/Angola

as alterações e “reconstrução” das matrizes e planos curriculares orientada para a definição do perfil do filósofo em Angola, partimos de o pressuposto de que é preciso consolidar o nosso modelo de ensino-aprendizagem e formar profissionais de qualidade que consigam contribuir para a reconstrução nacional e o desenvolvimento do país e que sejam capazes de não só contemplar o mundo, mas o de transformá-lo.

Começamos com o adágio segundo o qual, não é suficiente termos presente o tema que nos sensibiliza e que nos leva a refletir. É preciso que a presente actividade teórica os impede a utilizar vias, buscar caminhos para alcançarmos um determinado objectivo. Para a prossecução do escopo do nosso trabalho e atendendo a sua natureza, primamos pela utilização do método dialéctico combinado com o **analítico-racional**. Isto significa, que efectuamos a descrição, interpretação do objecto-concreto investigado e respectiva decomposição, partindo da situação menos complexa à mais complexa, com a finalidade de se proceder ao equacionamento de problemática em questão. A **análise conceptual**, bem como, tivemos em linha de conta as **experiencias de pensamento** do passado e presente.

2 ELEMENTOS METODOLÓGICOS E METÓDICOS DE FILOSOFIA COMO FORMA DE SABER

Ao efectuarmos uma caracterização e periodização histórica do ensino e estudo da filosofia, pressupõe, evidentemente para o nosso caso, efectuar uma distinção de dois momentos cruciais:

- a) O ensino e estudo da filosofia antes da independência (1919-1974);
- b) O ensino e estudo da filosofia na época pós-independência.

Ao pretendermos efectuar uma abordagem sistemática e introspectiva do ensino da filosofia na época colonial, e tendo em conta o material pesquisado, leva-nos a deduzir que nos primórdios do processo de colonização não houve preocupação das autoridades portuguesas de instalar e implementar “um ensino reflexivo e sistemático”, porque contrariava os seus interesses. Claro que, a situação do ensino em Angola evoluiu consoante os tempos, mas não é de momento nossa preocupação indagar sobre esse assunto. (Almeida e Rodrigues 1938).

Com a nossa investigação, analisamos a evolução histórica do ensino da Filosofia e sua complexidade, e reafirmamos que a Filosofia no cumprimento do seu papel e função na sociedade, pode intervir e orientar, metodologicamente o estudo dos processos sociais existentes no país.

Não queremos deixar de aflorar as mudanças de paradigma no que toca aos conteúdos programáticos e temáticas, a reforma da matriz e grelha curricular, revelando as tendências actuais do ensino e estudo da Filosofia em Angola.

2.1 Prolegómenos sobre o ensino da filosofia antes da independência (1919-1974)

Nos primórdios da colonização não se verificou, de acordo com estudos efectuados, a existência de um ensino que promovesse a “racionalidade angolana” e que contrariasse “a política ultramarina” discriminatória e autoritária imposta pelas autoridades portuguesas. Aqui, não estamos a negar a evolução da situação da educação e do ensino em Angola, pois sabemos que o mesmo sofreu mutações durante os tempos. Mas, podemos afirmar, que com a implementação do ensino promovido pela Igreja Católica, não excluindo os Liceus, já que começou a processar-se gradativamente e bastante selectivo a introdução de alguns elementos filosóficos na grelha curricular de determinadas áreas ou ramos do saber. Nesta altura o ensino da Filosofia, desenvolveu-se nos anos precedentes da independência a par da introdução e prossecução das aulas de latim e OPAN, que em nossa opinião contribuía para o domínio do que denomino “racionalidade colonial”.

Estamos em meados do século XX em que se verificou a presença da reprodução do axioma “filosofia serve da teologia”, reforçando-se o ensino missionário com “o seu peso medieval e com o seu escolasticismo maniqueísta filosófico”, também fazia-se sentir esse peso no ensino liceal assente na visão tomista-aristotélica, que abordou de forma sistemática o campo da filosofia. (Thomé 2000).

Em alguns compêndios ou manuais usados na década 60/70 do séc. XX no ensino liceal em Angola, e para este caso cingindo-me em Bonifácio Ribeiro

vs. Augusto Saraiva e outros, considerava-se para fins didáticos como disciplinas filosóficas as seguintes.

Psicologia que integram: a) Psicologia experimental; b) Lógica (“em alguns casos a aristotélica”); c) Estética e Moral. A Metafísica entendida do modo seguinte: a) Crítica do valor do conhecimento; b) Ontologia; c) Psicologia racional; d) Cosmologia e Teodiceia (Ribeiro e Silva 1962).

A Filosofia servia para justificar a situação reinante de pura dominação, opressão e exploração que vitimava o poder angolano.

O período que antecede ao processo de descolonização foi próprio a tomada de consciência do povo, que se inscreve na luta pela concretização da liberdade e autodeterminação, fruto da “revolução de abril de 1974”. Esta última fase da colonização portuguesa, possibilitou a criação de premissas para a divulgação de “teorias revolucionárias”, passando a deixar-se de lado, as influências do pensamento filosófico ocidental, como por exemplo, aristotelismo, o tomismo, a filosofia existencialista, acrescentando-se outras correntes e escolas do pensamento filosófico, político e social.

2.1 Descrição da natureza e da problemática do estudo e ensino da filosofia na época pós-colonial (1977-1992).

A ruptura com a herança colonial, exigia que se efectuassem mudanças radicais na esfera da economia política, da ideologia e da cultura. Estas mudanças permitiram a adopção de um programa educacional e de ensino, assente nos princípios seguintes:

- A liquidação da cultura e educação colonial;
- Combate vigoroso e rápido ao analfabetismo em todo o país;
- A instrução pública será da competência do estado e estará sob sua orientação directa, em que se incluem o espírito democrático e laico da educação e ensino e o desenvolvimento integral e universal da personalidade (Educação 1981).

Na época pós-colonial, verifica-se a ruptura com o paradigma dominante na esfera da educação e ensino com a adopção do Marxismo-leninismo enquanto “ideologia oficial” do “Estado democrático e popular”.

A apropriação do marxismo enquanto concepção científica do mundo deveria constituir-se em instrumento de consciencialização das massas populares.

Agostinho Neto assinalava: “é fundamental garantir a constante elevação de consciência revolucionária dos trabalhadores educados nos princípios do marxismo-leninismo” (MPLA, 1977).

Ao abordarmos a questão da concepção marxista do mundo, deveremos destacar alguns componentes, tais como o materialismo consequente aplicado também ao domínio da vida social, a dialéctica como a doutrina mais vasta e mais profunda do desenvolvimento, a teoria da luta de classe, e do papel revolucionário histórico universal do proletariado (Krapívine, 1982).

A apropriação e divulgação do Marxismo em Angola realiza-se desde o início da luta armada de libertação nacional sob a influência não só de factores internos, mas também de factores externos. A principal força matriz foi a luta complexa e árdua do MPLA ao marxismo-leninismo, levando em consideração duas etapas:

A 1ª etapa: Já sob condições do colonialismo surgem ideias, teorias e concepções sobre o movimento de libertação nacional. Nesta etapa a ideologia marxista foi esporadicamente divulgada de forma rudimentar no seio dos portadores do movimento de libertação, principalmente a intelectualidade. Esta ideologia foi apropriada em simbiose com o pensamento revolucionário e democrático da época.

A 2ª etapa: Nesta etapa, que compreendia o período 1976-1990, em que o processo de apropriação do marxismo-leninismo, adquire uma nova realidade.

Os documentos, do 1º congresso do MPLA destacam a necessidade de se incentivar o estudo do marxismo-leninismo, do pensamento e prática política, económica, filosófica, social e científica, de modo a criar e consolidar nos militantes e no povo a concepção científica da natureza e da sociedade (MPLA 1078). Isto implica afirmar que os documentos do MPLA atribuem também uma atenção especial a necessidade da preparação metodológica, didáctica e profissional dos quadros. A importância que se reveste esta e outras questões não menos relevantes, contribuem para o desenvolvimento das tarefas completas de construção do Estado e da sociedade.

Discutia-se também sobre a necessidade dos quadros terem uma preparação teórica e metodológica que implica necessariamente o domínio do sistema de métodos de estudo e de ensino.

3 LINEAMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO E ENSINO DA FILOSOFIA NA ETAPA REFORMISTA PÓS-MARXISTA

A etapa reformista pós-marxista, pode ser compreendida, como aquele momento que se caracteriza pela superação da contradição entre a necessidade de uma nova compreensão marxista da realidade e o surgimento do pensamento reformista no campo da ideologia, da educação e da cultura.

Há a necessidade de se distinguir duas fases distintas, tendo em conta o processo estudado e acima exposto. Trata-se, portanto, que:

O primeiro momento corresponde a tentativa de reflexão e análise crítica ao dogmatismo e ortodoxia marxista, em que se destaca as teses de A. Zolentsov e Moreira Bastos, que traçaram naquela altura as linhas e direcções fundamentais da reestruturação das ciências sociais, com relevância para a Filosofia.

Aqui, pretendemos enaltecer o essencial das reflexões elaboradas e expostas por (Malinovski, 1990), concretamente:

1. A determinação do lugar e verdadeira importância do Marxismo na história da cultura e do pensamento sócio-político;
2. Eliminação de mitos e feitiços: transformação do marxismo, que até agora é uma filosofia quase religiosa, institucionalizada, estatal, numa teoria social de conteúdo e metodologia científica e de espírito transformador;
3. Revisão e revalorização das ideias e postulados do marxismo, desde o ponto de vista das realidades contemporâneas, eliminando o doutrinalíssimo;
4. Purificação do marxismo de todas as deformações acumuladas na época pós-leninismo na teoria e prática;
5. Eliminação do dogmatismo e escolástica pseudo-marxista, como método predominante no sistema das ciências sociais.

Como consequência lógica das reflexões já citadas, procedem-se a concepção elaboração dos programas e planos curriculares de filosofia no espírito da nova mentalidade política.

As discussões cingiram-se sobre a possibilidade da “revisão do marxismo”. Da sua reformulação em que se destaca a teoria da sociedade ou da história. Também, desenvolvemos, aquilo que denominamos “visão marxista da reestruturação da grelha dos planos curriculares e de estudo da filosofia”, onde se evidenciaram os conteúdos seguintes:

1. Negar a compreensão “metafísica” r redutora da filosofia, já que ela deveria ser entendida como resultado da cultura elaborada pela civilização mundial;
2. Prestar atenção às bases metodológicas e epistemológicas do ensino da filosofia, tendo em conta as nossas especificidades e os padrões universais;
3. Inserir nos conteúdos temáticas os movimentos ou correntes essenciais e indispensáveis do pensamento contemporâneo, bem como a introdução de novos critérios e alterações no paradigma de ensino e estudo no contexto das reformas existentes em Angola.

Para além das disciplinas curriculares em curso, deparamo-nos com a introdução e discussões sobre os conteúdos temáticos, onde se destaca:

a) Antropologia Filosófica

Efectuou-se uma abordagem histórica-sistemática das concepções ou perspectivas filosóficas sobre a natureza ou essência do homem, bem como realizou-se um estudo sobre a dicotomia existente entre homem vs. humanismo. A pergunta colocada foi: “qual é o lugar e papel do homem no sistema social? Com o aparecimento das antropologias naturalísticas, passou-se a abordar a questão do homem como sujeito e objecto da actividade social. Não se trata de interpretar e compreender o “homem abstracto ou genérico”, como defendia L. Feuerbach, mas o homem concreto e como unidade do biológico e do social. Também, destaca-se a concepção do homem, de acordo com o panorama histórico, levando em consideração as visões de Platão, Aristóteles, Plotino e outros. Procura-se desvendar e determinar o problema da natureza humana.

Com base nas visões e concepções antropológicas do homem, explicita-se e analisa-se a questão da substancialidade da alma, a relação corpo e alma, não perdendo de vista a imortalidade da alma.

Primeiro: surgiram novas antropologias, que definiram a dimensão humana, isto é, o homem e suas respectivas actividades. A pesquisa antropológica dá-nos a compreender as soluções e respostas fornecidas ao problema da origem da alma, e ao problema das relações corpo e alma, para além da questão da Auto-transcendência.

Segundo: rejeição do Ateísmo Científico, atendendo a sua carga puramente ideológica. É, por isso, que foi banida dos planos curriculares no ensino superior, propondo-se em sua substituição a História e Filosofia da Religião.

Terceiro: Reformulação do Materialismo Histórico, enquanto teoria da história.

As mudanças sociais colocaram perante os cientistas e particularmente os filosóficos novos problemas. É assim, que assistimos ao aparecimento no seio da academia angolana, e como resultado da “nova mentalidade política”, de uma “nova hermenêutica do materialismo histórico”. Discutia-se e destacava-se a contribuição das obras de I. Plenitov, Galina Arejewa, A. Uledov, V. Kelle e Kowalson e outros. A tarefa desenvolvida por esses académicos, consistiu na busca dos caminhos, que levavam a uma nova abordagem do processo histórico visto desde um angulo sistémico-estrutural.

Fruto do surgimento do livro intitulado “Teoria marxista-leninista do processo histórico” motivou acesas discussões já antes da Perestroika, e foram retomadas posteriormente, já que havia uma polarização e diferenciação das discussões sobre o assunto. Existiam autores, como por exemplo (Kelle e Kowalson, 1984), que no livro intitulado Teoria da História tratavam da reinterpretação do modelo tradicional das categorias centrais do materialismo histórico, isto é, categorias pares ou correlativas, categoria de diferente ou de igual ordem, grupo de categorias, tais como ser social, modo de produção, etc. Claro que estas categorias são instrumentos de análise da actividade humana. Aqui, levanta-se um problema em aberto: Qual é a estrutura da teoria do materialismo histórico à luz da nova mentalidade política?

Um dos grandes méritos, na análise da sociedade civil elaborada por Karl Marx, foi o de ter descoberto a mercadoria como cédula da sociedade. Os especialistas que se dedicam aos estudos marxistas, prestaram uma atenção especial à análise das formas históricas antigas que adoptou a mercadoria, compreendida como resultado da actividade humana.

Penso que não se deve reduzir o problema central do materialismo histórico à solução da dicotomia ser social vs consciência social, mas deve-se olhar também para a questão da actividade humana., na medida em que é resultado dessa actividade e é um dos tipos básicos ou célula da vida social. Por isso, torna-se relevante a análise das origens das relações sociais e da relação objecto e sujeito da actividade, bem como do sistema de relações sociais visto no seu aspecto histórico, para além do problema da comunicação (“Verkehr”), entre outros assuntos.

Sob a reprodução do processo histórico, e mediante a ascensão do abstracto ao concreto no conhecimento social, decorre a visão de conteúdo sobre as categorias fundamentais do materialismo histórico, enquanto teoria do processo histórico. As categorias de ser social e consciência social que até aqui eram o ponto chave da análise social passam a ser incorporadas também, em nosso entender, no conjunto de pares de categorias, como actividade, trabalho, relações sociais (material e ideal), determinismo social, incluindo-se ainda as leis sociais, a questão da necessidade e interesse, o valor, o objectivo e o meio, a prática sócio-histórica, o modo de produção, entre outros. As categorias correlativas, ser social e consciência social, exprimem, para além do que já foi dito, a essência da compreensão materialista da história.

Quarto: A inserção na grelha curricular da filosofia da Cultura. A ideia central com que ficamos, foi a de tratarmos a equação teórica do assunto, tendo em conta três prismas fundamentais, a saber:

1. Qual é a pertinência da cultura na actividade humana?
2. Como compreender e descobrir a partir da cultura o indicador do ambiente espiritual vital da acção humana, bem como o encontro do retrato da sociedade?
3. Qual é a conexão entre revolução cultural num determinado país e o conceito de **“criação do homem novo”**?

Colocava-se ainda de forma clara e objectiva, a necessidade de se repensar, de que maneira se criam os fundamentos éticos, axiológicos e epistemológicos da construção da sociedade democrática em Angola.

Nas últimas décadas dos anos 90 do séc. XX, elaboramos alterações profundas na matriz, planos curriculares e conteúdos temáticos do ensino da filosofia, reflexo da “experiencia positiva” vivida no passado.

Entre outras actividades, **prepararam-se novos conteúdos temáticos**, baseando-se nas áreas e matérias do campo filosófico, tais como: **História da Filosofia** (antiga, medieval, moderna e contemporânea), **Lógica** (formal vs simbólica), **Epistemologia** (teoria do conhecimento), **Filosofia da ciência**, **Filosofia da mente**, **Filosofia da linguagem**, **Ética**, **Filosofia do Direito e Filosofia Prática ou Aplicada**, fruto das reformas curriculares e de programas feitos.

Para **ilustrar o que foi abordado anteriormente**, expomos o Plano Curricular do Curso de Filosofia, considerando a sua evolução, as reformulações ou arranjos havidos, como resultado das metamorfoses ou mutações verificadas na nossa vida académica.

Esquema I:

Plano curricular do Curso de Filosofia ministrado na Faculdade de Letras e Ciências sociais no período entre (2004-2010).

1º ANO

1	Introdução à Pesquisa científica e ao trabalho filosófico
2	Introdução à Pesquisa Geral
3	Introdução à sociologia
4	Introdução à Filosofia
5	Língua portuguesa
6	Linguística Geral
7	Lógica I
8	Filosofia Antiga

2º ANO

1	Teoria do conhecimento vs Epistemologia
2	Filosofia Política e sociais I
3	Antropologia Filosófica
4	Filosofia Africana I
5	Filosofia Medieval

6	Lógica II
7	Ética

3º ANO

1	Filosofia Moderna
2	Filosofia da Linguagem e Comunicação
3	Hermenêutica Filosófica
4	História e Filosofia da ciência I
5	Filosofia Africana II
6	Metafísica
7	Estética
8	Filosofia Política e social II

4º ANO

1	Filosofia Contemporânea
2	História e Filosofia da ciência II
3	Filosofia da Religião e cultura
4	Filosofia da História
5	História das ideias em Angola
6	Trabalho de fim do curso

Esquema II:

Plano curricular Actualizado do Curso de Filosofia na Faculdade de Letras da UAN, após reforma de 2011 e reformulação em 2014³.

1º ANO

1	Introdução à Filosofia
2	Filosofia Antiga
3	Lógica Formal
4	Metodologia de Investigação científica
5	Introdução às ciências sociais: Ocaso da sociologia
6	Língua portuguesa I
7	Latim I/II
8	Linguística Africana

2º ANO

1	Ética
2	Filosofia do Direito
3	Filosofia Medieval
4	Língua portuguesa II

³ Actualmente este programa está a ser implementado na Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto (ex-Faculdade de Letras)

5	Filosofia Política
6	Antropologia Filosófica I/II
7	Epistemologia I/II
8	Filosofia Africana

3º ANO

1	Filosofia Moderna
2	Hermenêutica Filosófica
3	Língua portuguesa III
4	Metafísica
5	Estética
6	Filosofia da religião e cultura
7	Filosofia da Mente

4º ANO

1	Filosofia Contemporânea
2	Filosofia Prática vs aplicada
3	Filosofia da Linguagem
4	Teoria e História das ideias em Angola
5	Trabalho de Fim do curso

Ao concebermos a **reforma curricular de 2011 e a reformulação de 2014**, como nos dá a observar os esquemas, despertou-nos a curiosidade de olharmos para outros modelos e exemplos existentes no mundo.

Inspirados no novo panorama geral da Filosofia do séc. XX, que se anexou à experiência vivida acumulada, tornou-se necessário a introdução de duas disciplinas incontornáveis e fundamentais, nomeadamente, **a Filosofia da Mente e a Filosofia Prática ou Aplicada**.

Os conteúdos temáticos sofreram mudanças consideráveis. Isto significa que no âmbito da Filosofia Prática enquadra-se a Filosofia para Criança, que deve-se ao surgimento do IAPC-*Institut of Advancement of Philosophy of Children*, onde se desenvolveram trabalhos teóricos sob orientação de **Matthew Lpman e Ann Margareth Sharo**. (MATTAR 2010), e não devemos perder de vista, que existem alguns exemplos das relações entre a Filosofia e determinadas profissões. Chamo a atenção para a próxima exploração teórica

de elementos de Filosofia e Ética na Administração; Filosofia da Computação e da Informática e da Filosofia Clínica⁴.

No quadro do desenvolvimento das novas linhas de investigação, foi elaborado um trabalho teórico sobre a importância da ética no contexto do mercado do trabalho.

Este trabalho perseguiu o objectivo de relançar, de um lado, o debate académico sobre a pertinência e o papel da ética no processo de formação para o emprego, e de outro, o de se saber até que ponto a ética desempenha um papel relevante nas diferentes áreas laborais no contexto do mercado de trabalho. Foi destacado no trabalho acima afluído, que a integração da ética no discurso e no mercado do trabalho, bem como a assumpção das responsabilidades sociais das empresas, constituem duas mudanças mais significativas nas últimas décadas.

Destacou-se as diferentes áreas em que a ética deve ser aplicada, como por exemplo:

- 1) A ética das profissões, revelando-se que o professor, é o profissional que pode influenciar na formação da personalidade e no perfil ético do cidadão.
- 2) A ética deve ser aplicada na área de intervenção da responsabilidade social das empresas, entre outros

4 A PROPÓSITO DA APLICAÇÃO SIMULADA DO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO

O contexto do conteúdo teórico-temático e sistemático da filosofia prática, torna-se crucial o desenvolvimento e intelecção da pesquisa elaborada concretizada, que pode adoptar a forma de aula simulada. É o que acontece sob nossa orientação, que passamos a descrever com algum pormenor.

⁴ (1) Chamo atenção para as discussões sobre as diferentes perspectivas de um novo paradigma de Filosofia aplicada vs Filosofia prática, que no séc. XX emergiu, no intuito de se tentar dar resposto a problemas concretos. Mencionamos o aconselhamento filosófico, a ética do desporto, ética empresarial, ética pública, ética da educação, ética ambiental entre outros. Há uma serie de livros que tratam exclusivamente desses assuntos, como por exemplo: J. Mattar. Filosofia da computação e da informática. São Paulo: LCTE, 2009. J. Mattar. Filosofia e ética na administração. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

4.1 Pistas sobre a morte: discussões éticas e jurídicas no contexto clínico

Este estudo, pretende contribuir para as discussões havidas sobre as questões ética e jurídicas, que envolvem a terminalmente da vida com atenção ao princípio da dignidade da pessoa humana. Na literatura, encontramos os direitos fundamentais do homem refletidos no nosso ordenamento jurídico, já que o estado deve em sua organização tomar em linha de conta esses direitos, e os acordos internacionais, que tratam a questão dos direitos humanos, bem como, deve-se inculcar na Constituição e demais legislação do país.

É sabido que o direito à vida impõe ao estado o dever de respeitá-lo e protegê-lo contra as agressões ilícitas ou violência de terceiros. E deve fazer, na medida em que, a vida é o valor e direito mais precioso de qualquer pessoa, por tratar-se de condição sine qua non para existência humana, e porque sem a vida, não se pode pronunciar sobre a liberdade, igualdade, democracia etc.

O nosso referencial está ligado ao estudo de caso de pacientes em caso terminal de uma doença oncológica, em que a equipa de especialistas deve dar conforto e alívio ao sofrimento do doente, observando os princípios éticos fundamentais, como o compromisso ético-social ou moral de conseguir manter a sua base emocional, e os procedimentos que busquem a não-maleficência.

Isto implica, que se deve ter a consciência do facto de que o paciente em fase terminal necessita de uma terapia paliativa, e por essa razão não é possível a tomada de outras medidas extraordinárias que possam postergar o seu processo de morrer. Acrescentamos, que uma das premissas dos cuidados paliativos é ajudar as pessoas a morrerem com dignidade, o que exige um cuidado holístico. Um dos atributos fundamentais que enfatizamos é a necessidade da instrumentalização e engajamento do individuo e da família com o conhecimento do seu estado terminal e possíveis perspectivas, além da sua participação activa no processo de decisão. Isto é, a participação do doente e sua família no processo de decisão deve ser moderada pela equipa interdisciplinar de médicos (v. ética clínica), levando em conta as vantagens e desvantagens do tratamento clínico.

(I) Em 2015, efectuamos uma aula simulada de Aconselhamento Filosófico

Desenvolvemos posteriormente um trabalho prático-teórico sobre o “divórcio e violência doméstica na família”, escola e saúde; estudo sobre o assédio e aborto”; “divorcio e disputa de herança depois da morte”, e por último, discutiu-se ainda a problemática do “atendimento médico e negligencia medica” etc.

Existem pressuposto e abordagens teóricas, exigidas metodologicamente que foram aplicadas nos referidos trabalhos, como por exemplo, o diálogo socrático e respectivo método.

As ideias aristotélicas em conexão com tradição africana no que respeita a justiça; as ideias de Marco Aurélio, Sêneca; Cícero, Epicteto, dos epicuristas, dos estoicos, da filosofia da existência, relevando substancialmente o papel do Conselheiro filosófico que realiza actividades de aconselhamento. Este aconselhamento pode ser feito e dirigido a pessoas, grupos ou instituições públicas ou privadas.

Em 2016, os estudantes efectuaram aulas simuladas com base nos trabalhos práticos seguintes⁵:

a) Casos de corrupção na universidade

b) Família: Um delima ético

c) Compreender o aborto: Discussões éticas e jurídicas

d) Atendimento hospitalar: casos de corrupção. Aqui o que se pretendeu, é que os estudantes, utilizassem os conhecimentos teóricos e filosóficos adquiridos na Sala de Aula, cujo objectivo era o de se explicitar de forma clara, e o facto, os problemas éticos e jurídicos em cada caso estudado. Para além disso, procedeu-se a análise da probabilidade de se incluir as teorias clássicas e modernas da felicidade, da justiça, da liberdade e da responsabilidade, do amor e da família, para além da aplicação da Pauta Deontológica do Serviço Público. Mencionou-se as aulas simuladas, mas os estudantes são habilitados a desenvolverem um Projecto, que se denomina “Educação para o pensar” no contexto da Filosofia para Criança e sua aplicação em Angola.

⁵ 1) Para mais detalhes aconselhamos a leitura de Gerson Galiano. Negócios e ética a direcção estratégica. Elsevier, Amstredam, 1990; Vicente Marsip. Ética, caracter, responsabilidade, consciência individual e compromisso social. São Paulo: EPU 2002. Márcio Gonçalves Viana. Ética Geral e profissional. Porto: Sarmiento, 1963.

(II) O estudo e ensino da Lógica (Lógica formal vs Lógica simbólica)

implica a compreensão, domínio e aplicação metodológica dos conteúdos seguintes:

1. A História da Lógica deve ser apresentada, tendo em conta as várias etapas do seu desenvolvimento, nomeadamente:

a) A História Lógica Clássica começa com Aristóteles, não perdendo de vista o contributo do estoicismo;

b) Revitalização na idade Média e nomeadamente nos sécs. XII até parte do séc. XV, destacando-se as ideias de Duns Scotus, William de Occam e outros;

c) Desenvolvimento da Lógica Moderna, em que verificamos a relevância das ideias de Leibniz

d) A lógica do séc. XIX-XX

Nos **séculos XIX e XX** se processou uma **nova etapa para o desenvolvimento da lógica** com o aparecimento da lógica matemática ou simbólica, que ultimamente obteve um progresso valioso.

Prestamos atenção, ao facto de que no processo de pensamento, o conceito e a palavra, o juízo e a ideia, a lógica e a gramática, mantêm laços estreitos e se condicionam mutuamente, mas na época inicial de desenvolvimento da lógica, os seus problemas e os da gramática estavam interligados, constituindo uma esfera indiferenciada do conhecimento.

Na lógica da antiguidade ressaltamos o pensamento lógico de Aristóteles, exposto em toda a sua amplitude e profundidade. Aristóteles estudou nas suas obras, de maneira profunda e completa, os problemas essenciais da lógica, que foram agrupados pelos seus comentadores sob denominação **Organon**, “o instrumento” (do conhecimento). No **organon aristotélico** integram aspectos, tais como **categorias sobre a interpretação, os primeiros analíticos, os tópicos e as refutações dos sofismas**. Encontram-se para além disso, elementos de suas teorias lógicas noutras obras aristotélicas como por exemplo, na **Metafísica**, na **Física**, nos três livros sobre a **Alma** e no trabalho de **Retórica**.

4.2 Assuntos a serem explorados no trabalho acadêmico

Organon de Aristóteles: análise da sua essência e conteúdo teórico.

A doutrina das categorias e suas consequências lógicas.

Os Tópicos.

4.2.1 Alguns tópicos para exploração e reflexão

No fim da antiguidade distinguem-se duas extraordinárias escolas de lógica, em que se destaca a **escola Peripatética**, que derivava da aristotélica, e a **estóica** que tinha sido desenvolvida por Crisipo, a partir do **ensino dos Megáricos**.

Na Lógica, Moderna, destaca-se sem margens para dúvida, a contribuição de **Francis Bacon**, que desde o seu ponto de vista, o fim da indução consiste em descobrir as relações de causalidade que existe entre os fenómenos, a saber:

- 1) O método de semelhança;
- 2) O método da diferença;
- 3) O método em conjunto de semelhança e diferença;
- 4) O método das mudanças concomitantes.

Em sua disputa contra a Escolástica e contra a lógica medieval, que tentaram desfigurar a lógica aristotélica, **René Descartes (1596-1650)** formulou quatro regras, as quais é preciso ter em conta no processo de investigação, nomeadamente:

- 1) Pode admitir-se como verdadeiro o que se reconhece como evidente e está comprovado (evidência);
- 2) Que é indispensável dividir, no processo de investigação, o complexo em quantas partes for possível (análise);
- 3) Ascender do simples ao complexo, do mais evidente ao menos evidente (síntese);
- 4) Investigar o objecto em todos os detalhes e pormenores (enumeração).

Das discussões que mantivemos sobre os conteúdos temáticos de lógica formal, e fruto das reflexões existentes, propomos para inserção no ensino e estudo o seguinte teor

- (a) Pertinência e objecto de estudo da lógica;
- (b) Principais formas lógicas;
- (c) Leis fundamentais da lógica;
- (d) Meios de conhecimento, em que se sublinha como essencial, os sofismas e a argumentação. Não excluir como ponto de partida, a análise lógica e seus respectivos princípios;
- (e) Raciocínio lógico, concretamente o silogismo, realçando as bases lógicas da teoria da argumentação.

Como já foi dito anteriormente, em meados do século XIX/XX surge a lógica matemática ou simbólica, cujo conteúdo é ministrado com todo o rigor e detalhes, tendo em conta que durante muito tempo, as obras de Leibniz ficaram desconhecidas, e como tal, toma-se como **fundador da lógica moderna Georg Boole (1815-1864), lógico inglês**. Este mérito cabe também a lógicos como William S. Jevons, Charles Sanders Peirce (1839-1871, **William Hamilton (1788-1856), Augustus de Morgan (1806-1871) Ernst Schroeder (1841-1902) e outros**, não menos importantes. Todos eles, contribuíram para o desenvolvimento da lógica, destacando-se a lógica de Boole.

Georg Boole, pode ser considerado como um dos grandes impulsionadores do que se designa por lógica moderna, fundamentalmente da lógica matemática ou simbólica. Ele deu uma nova imagem com o **estabelecimento e formulação da teoria do cálculo lógico**.

Segundo Boole, a teoria do cálculo lógico não se limita aos conceitos quantitativos lógicos, e nesta ordem de ideias, ele diferenciava a linguagem viva da simbólica. Para ele, as duas linguagens constituem armas para raciocinar ou o meio através do qual nós exprimimos. Aqui, todavia, existe diferença, entre os dois tipos de linguagem. Esta diferença está no tipo de exactidão e definição de um em relação a outro. A lógica formal, prosseguiu Boole, utilizava os símbolos em separado para assinalar os termos nos juízos de dedução. (S.M.P.), bem como indicava os variados tipos de juízos. De modo sistemáticos, a lógica simbólica, introduziu nas operações símbolos, com os quais estabelece as ligações entre o discurso e a operação, assim, Boole concluiu que a linguagem simbólica se traduz no meio de análise racional na descoberta das leis e estrutura dos juízos.

Boole, no entanto, considera a lógica formal como espécie de álgebra. Ao elaborar a álgebra da lógica, tendo em conta objecto somente os números, as incógnitas, etc. englobando também um vasto campo, que é a teoria das classes. Nesta teoria, investigou as classes (como volumes de conceitos), as relações entre elas e aritméticas e as operações aritméticas atinentes. Com muita mestria Boole, introduziu na lógica, leis e regras de operações aritméticas básicas como a adição “+”, a multiplicação “x”, “.” e ainda a subtração “-”. Ele considerava ainda a subtração, uma operação inversa da adição e que esta última correspondia a junção das classes. Segundo Boole, quer seja na lógica ou na álgebra, os termos de uma parte da igualdade podem ser transferidos, respeitando-se assim, a lei comutativa para a subtração. Exemplo: $X-Z=Y$, de onde se conclui que $X-Z=-Y+X$ ou $X-Y=-Z$. Descobriu ainda a lei distributiva para a multiplicação relativamente a subtração. Exemplo: $a-(b-c)=a-b-c$. Todos estes elementos introduzidos, incluindo a disjunção correspondente a adição, bem como a conjunção ligada à multiplicação, como métodos lógicos no sistema de simbolização lógica. Por esta via, chegou a grande generalização das deduções indirectas e aos silogismos.

Ele distinguiu três tipos de expressão simbólica nas proposições em que:

- 1) Só o predicado não está distribuído, ou seja, $M=VP$;
- 2) Os dois termos- o sujeito e o predicado estão distribuídos, ou seja, $M=P$;
- 3) Os dois termos não estão distribuídos, ou seja, $VM=VP$.

Como dos aspectos importantes, Boole, mostrou que na correlação dialética da afirmação e da negação dos conceitos e juízos existe princípios, segundo o qual, deve-se inferir do juízo. Ou seja, sem negação não há afirmação, por um lado, toda a afirmação possui negação, procurou exprimir um certo fundamento da possibilidade de raciocínio assertórico ou afirmativo em que admite a hipótese ou a posterior.

J. M. Bochenski (1902), na sua obra “História da Lógica Antiga”, desenvolveu alguns tópicos em que se ressalta o seguinte:

- a) A oposição;
- b) Princípios da contradição e do terceiro excluído, e assinalou que Aristóteles confrontou no que diz respeito à negação e a oposição nos

seus Tópicos e Metafísica, pode-se apreciar que independentemente destes problemas, pelo menos três coisas estão confusas:

- 1º) Termos e proposições, em consequência, as suas negações;
- 2º) Proposições quantificadas e não quantificadas;
- 3º) Proposições negativas e negação das proposições.

Bochenski ainda assinala que Aristóteles trata de elaborar um sistema metodológico de silogismo **assertórico**.

Ora, queria limitar-me a algumas considerações Metalógicas, fundamentalmente aquelas que Bochenski caracterizou. Trata-se, em primeiro lugar, em todo silogismo uma premissa deve ser afirmativa, e uma universal, em segundo lugar, se a conclusão de um silogismo é universal, ambas premissas devem ser universais, em terceiro lugar, ao menos uma premissa deverá ser afirmativa ou negativa como a conclusão.

Como reflexo das **discussões sobre o desenho curricular e do programa de lógica**, propomos o seguinte conteúdo temático:

Ponto I. Teoria e Prática

- (a) Destacar as noções básicas;
- (b) Operações lógicas;
- (c) Construção das tabelas-verdade;
- (d) Argumentos e formas de raciocínio;
- (e) Lógica dos enunciados. Definição de enunciado e suas condições. Representação dos enunciados simples e compostos;
- (f) Exercícios sobre a tabela de verdade para enunciados compostos e aspectos inerentes.

Ponto II. Introdução ao cálculo lógico.

Ponto III. Análise lógica e argumentação. As falácias

As reformas curriculares e as reformulações de programas e conteúdos temáticos aflorados o presente trabalho, assentaram-se em objectivos o domínio cognitivo, das habilidades e dos valores, das competências e da metodologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando manter fidelidade ao objectivo geral do presente trabalho teórico, que é a reforma do ensino da filosofia e a investigação como criação científica, as nossas conclusões são conduzidas em direcção a intelecção das questões metodológicas e terréticos da formação do homem concreto. Como foi visto, tentamos abordar as várias etapas do ensino da Filosofia, concentrando-nos como foi visto ao longo da pesquisa, no processo de reforma em três momentos cruciais. Não perdemos de vista, as teorias de Vassily Krapívine, A. Malinovski, N. Kyaschenko, V. Kelle, Kowalson. Para além dos debates a construção e ensino no contexto da nova mentalidade política existente.

Vimos a trajectória actual do curso de filosofia, concretamente, as alterações ou reconstrução da grelha e matrizes dos planos curriculares e conteúdos temáticos verificados para permitir a definição correcta do perfil do filosofo em Angola partindo do pressuposto da formação qualitativa do homem integral e bom profissional, que participe activamente no processo de desenvolvimento e de consolidação nacional.

Apresentamos alguns elementos metodológicos, que em nosso entender, tornam possível a compreensão dos conteúdos temáticos baseados e inspirados na nova visão e panorama geral da Filosofia no Séc. XX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António e Rodrigues João F. 1938, o ensino colonial na Metrópole e sua influência sobre nossa administração ultramarina. **1º Congresso da história da expansão portuguesa no mundo**, 5ª secção. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1938.

BOCHENSKI, J. M. **Lógica formal antiga**. Habana: Editorial Ciências Sociales, 1977.

BOLL, Marc. **A história da lógica**. Lisboa: Edições 70.

BLANCHÉ, Robert. **A história da Lógica**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Col. O saber da Filosofia).

BLUMBERG, Albert E. 1976, **Lógic**. New York: A First course, 1976.

BORRÓN, Juan Carlos Garcia. **A Filosofia e a Ciências: métodos e processos**. Lisboa: Editorial Teorema, 1988. (Colecção Teorema).

BURGUETE, Maria da Conceição. **História e filosofia das ciências**. Lisboa: Instituto Piaget. 2004. (Coleção pensamento e Filosofia).

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Curso de filosofia, lógica e metodologia**. 2. ed. São Paulo: E.P.U., 1996.

COPI, Irving M. **Introdução à Lógica**. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

CUPAN, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

DECLARAÇÃO DE PARIS PARA A FILOSOFIA. Disponível:
<http://www.milenio.com.br>

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1995.

DESHAILES, Bruno. **Metodologia de investigação em ciências humanas: epistemologia e sociedade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

ESTATUTOS E PROGRAMA DO MPLA. Luanda: 1978.

FEERO, MAX. **Elementos de metodologie en Ssciencs sociales et humaines**. Paris: Unversité Parisx-Nanterse, 1998-1999. (Col. Autores).

GALIANO, Gerson. **Negócios e ética na direcção estratégica**. Amesterdam: Elsevier, 1990.

GUETMANOVA, Alexandre. **Lógica**. Moscovo/Lisboa: Progresso, 1989.

HARRÉ, Ron. **As filosofias da ciência**. Lisboa: Edições 70, 1988. (Coleção: O Saber da Filosofia).

HUHNE, Leda 1999, **Metodologia científica**. Rio de Janeiro: Agir, 1999. (Cadernos de Textos e Técnicas).

KELLE, V. **Teoria da história**. Berlin: 1984.

KELLER, Vicente; BASTOAS Clerveson L. **Aprendendo a lógica**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

KRAPIVINE, Vassily . **A filosofia marxista-leninista: sistema, metodologia e métodos de estudo**. Moscovo/Lisboa: Progresso, 1982.

KOPNIN, V. **Fundamentos lógicos da ciência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

LAKATOS, Imre. **Histoire et metodologie**. Paris: Puf, 1994.

LAKATOS, Imre. et. Al. **Criticisism and the growth of knowledge**. Reino Unido: Cambridge University Press, 1997.

LENIN, V. I. **Materialismo e empiriocriticismo**. Moscovo/Lisboa: Edições Progresso-Avante, 1982.

MALINOVSKI, Alexandre. **Problemas actuais da reestruturação das ciências sociais**. Luanda: 1990.

MARNOTO, Isabel. **Didáctica da filosofia I**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MARSIP, Vicente. **Ética, caracter, responsabilidade, consciência individual e compromisso social**. São Paulo: E.P.U., 2002.

MATTER, João. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Pearson Prentice, 2010.

MORTARI, César A. **Introdução à lógica**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Reformulação do sistema de educação e ensino na República Popular de Angola e suas perspectivas**. Luanda: 1981.

NÉRICI, Imídio. **Lógica**. 5. ed. São Paulo: 1978.

PEREIRA, Osvaldo Pochart. **Ciencia e dialéctica em Aristoteles**. São Paulo: UNESP, 2001. (Colecção: Biblioteca de Filosofia).

RADMUSKAIA, I. **Dialéctica do conhecimento na física moderna**. Lisboa: Estampa, 1974.

RELATÓRIO DO COMITÉ CENTRAL AO 1º CONGRESSO DO MPLA. LUANDA: 1977.

ROSÁRIO, Fernando. **Desenho de programa de lógica formal para os cursos do ISCED de Luanda**. Dissertação do Mestrado, Lubango, 2007.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1996.

SEGETH, W. **Elementare logik**. Berlin: Dietz Verlag, 1978.

THOMPSON, Mel. **Philosophy**. London: Teach Yourself, 2003.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa.Omega, 1994.

VIANA, Mário Gonçalves. **Ética geral e profissional**. Porto: Sarmiento, 1963.

WIMSATT, William C. **A filosofia desce à vida**: aproximações fragmentáveis à realidade. Lisboa: Piaget, 2014. (Coleção Pensamento e Filosofia).

DADOS DO AUTOR

Feliciano Moreira Bastos

Doutor em Filosofia. Decano da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, Professor Catedrático e Coordenador do Mestrado em Filosofia. Lecciona/ministra as disciplinas de Filosofia Contemporânea, Filosofia e Ética Aplicada Estética na mesma Faculdade. Luanda, Angola. Email: felicianobastos100@gmail.com